



Maria Luísa Soares

Os senhores Livros

Era uma manhã húmida e fresca, como quase todas as manhãs naquela altura do ano. E todos os deuses que presidiam aos acontecimentos do planeta tinham avisado: era chegada a hora de reunião num daqueles sítios recônditos que tinham restado da submersão da Atlântida. Tudo o que persiste dos humanos através dos tempos, tudo aquilo que paira além da mortalidade humana, tinha presença marcada ali na escrita dos Livros.

O primeiro comparecer foi o da Pedra Roseta, escapada do Museu Britânico.

- Onde já se viu tamanha pressa! E só porque nos Açores se anteveem grandes mudanças com as eleições que se avizinham...

- Deixa-te de queixinhas, eu que sou o Código de Hamurabi, aqui estou! Os pobres açorianos bem merecem que voltem a vigorar leis sábias e justas que substituíam as atuais.

Mas os antiquíssimos Livros de papiro do Egito junto com as placas de argila cobertas da escrita cuneiforme dos sumérios, sírios e babilónios, entraram num coro de protesto:

- Deixa-te de parvoíces, ou não terás aprendido nada com o desenrolar da História? Onde param as civilizações ricas e poderosas que testemunhámos, os factos gloriosos que registámos? Ah, os humanos são peritos no regredir, no destruir aquilo que é belo, bom e justo...

Oxalá este pessimismo não contagie ninguém, pensamos nós. Para de imediato acrescentarmos: mas das leis "sábias e justas" do Código Hamurabi, livrai-nos, Senhor.

E, a julgar pela animação que reina entre as sumidades presentes, parece que não há perigo de pessimismos:

- Já devíamos ter sido chamados para evitar os desvios comportamentais que têm vindo a ocorrer e se têm acumulado.

- Desvios comportamentais...?

- A formação do governo regional com a participação do Chega não terá sido um grande desvio comportamental?

- Isso foi uma mirabulância necessária.

- Claro, tu o dizes, ou não fosses um Maquiavel a falar...

- E que tens tu contra o fundador da moderna ciência política? Os governantes às vezes veem-se obrigados a recorrer a habilidades políticas. Sim, os fins tantas vezes a justificar os meios. E olha que isto não se aplica apenas na política, meu caro.

- Bah...O mal deste século é a cegueira de que todos começamos a padecer, e é o Ensaio sobre a cegueira do Saramago que não resiste a manifestar-se.

- Sabem o que acho? Na terra do Espírito Santo era expeável que tivesse existido mais iluminação na escolha dessa gentilha para fazer parte do governo.

- Sim, sim, também acho, intervém de novo o filho do Saramago.

- E tu cala-te, que já não te posso ouvir. Ora porquê. Como se fosse de esquecer a leviandade desse teu Saramago no campo dos afetos. Com que rapidez substituíste ele a Isabel que dizia tanto amar e a quem dedicava livros!

- Tinha que ser um filho da Natália Correia a falar assim! Vocês mulheres complicam tudo!

- Psh...push! Os afetos não são para aqui chamados... push!...

- Apoiado!

A hora é de conluios e também de desacertos.

Há choques e atropelos, livros que inesperadamente escorregam até ao chão, impelidos pela zanga de vizinhos, pois que zanga não é só apanágio de humanos e quando se manifesta causa reboliço.

É então que uma voz se consegue sobrepor a tudo:

- Nós, os Livros, somos apenas o que os Autores fazem de nós.

- Olhe que nem sempre, nem sempre, é o que se ouve em discordância.

E a curiosidade aquieta os mais revoltos, para ouvir a voz feminina de um volume desconhecido:

- O que vou contar passou-se comigo. E ajeita-se para melhor ser visto: Como vêem, tenho um título bem açoriano e o conteúdo é também açoriano a cem por cento. Pois em concurso literário a que concorri aqui nos Açores fui sumariamente posto de parte. Razão: por ser desprovido de interesse para a Região. Claro que a minha Autora não se ficou por ali (é mulher de firmadas persistências) e enviou o meu antecessor, o texto, para uma editora de Lisboa, a Presença. E adivinhem: fui aceite! E tudo sem grandes demoras de publicação. E dizem vocês que nós, Livros, somos o que os Autores fazem de nós! Não, meus caros, o nosso destino não está muitas vezes nas mãos dos Autores.

E todos sentiram o leve suspiro de aquiescência da Grande Alma Açoriana que pairava por sobre a nobre reunião, e assim reconhecia, impotente, a imperfeição que assiste a tudo o que é humano.

Mas ninguém se apercebeu ainda de que, num ângulo afastado, está um Livro volumoso vestido de um azul marinho condizente com o recinto, a dar mostras de inquietude. E ei-lo que acaba por impor a sua presença:

- Aqui onde me veem, companheiros, sou um recém-chegado ao mundo dos Livros e gostava de partilhar convosco a receção que tive no mundo dos humanos. Será que estão interessados?

Como sabem, houve há pouco um evento literário que reuniu aqui nos Açores (S. Miguel) vários Autores açorianos com os seus respetivos Livros. Competia ao conceituado Miguel Real fazer a apreciação dos mesmos.

Tudo a correr à mil maravilhas, mas sem nunca haver a mínima referência a mim, nascituro que era a aguardar um sinal da minha presença. Até que mesmo no fim, lá aparece uma alusão à minha existência, uma alusão rápida e sucinta, mencionando-se apenas o meu nome e o da Autora.

A explicação para tamanha estranheza? Ordens da direção do evento literário: deste Livro e desta Autora, apenas deve ser referido o nome do Livro e o nome da Autora.

É assim, companheiros, que alguns de nós vamos ficando pelo caminho. Há quem não aceite a competição. Há quem receie a abertura de caminhos novos.

Silêncio pesado, onde só o barulho do mar à volta é perceptível.

- O que um Livro tem de aturar!, é a intervenção irónica de um filho do Pedro da Silveira: a

consolação é saberes que depois de morta a tua Autora irão chover-te em cima os louvores e os elogios que te negaram em vida. Ai já não há receios de competição.

Passados que foram alguns dias daquela espera, caiu o desalento no meio das sumidades ali reunidas quando a notícia explodiu. Tanta esperança desperdiçada, tanto alvoroço sem sentido!

De novo o governo sem maioria! Iria ficar tudo na mesma? Iria o governo cair de novo na tentação de aceitar o Chega para obter a ambicionada maioria?

Face a esta incerteza, há já quem opte por não esperar mais e abale mundo fora, esgotada a paciência para atuar dislates humanos. Que se entendessem os humanos, já que são tão peritos em os criarem.

Os poucos que ficam sustentam-os uma esperança esburacada que só os próximos dias poderão fortalecer ou impiedosamente destruir.



autoNext24

facebook/AutoNext24
por: Ricardo Martins

LANCIA Y. O RENASCIMENTO



A Lancia, com uma história rica de 117 anos, representa a elegância italiana com os seus veículos icónicos que captaram a imaginação das pessoas em todo o mundo. Desde os elegantes Flaminia e Aurelia B24 Spider até aos Delta, Stratos e 037 de alto desempenho, a Lancia deixou uma marca indelével na história automóvel com a sua gama eclética de modelos, incluindo o Fulvia e o Beta HPE. Depois de uma fase de menor fulgor, chega uma nova era.

Embarcando num renascimento, a Lancia revela um arrojado plano estratégico de 10 anos com o objetivo de impulsionar a marca. Com raízes na inovação e no design intemporal, os princípios fundamentais da Lancia incluem agora a sustentabilidade, o foco no cliente e a responsabilidade social, refletindo o seu empenho em moldar um futuro de excelência com ambição e dedicação.



A primeira amostra deste novo plano é o Lancia Ypsilon. O Novo Lancia Ypsilon é o primeiro automóvel 100% elétrico da marca. O modelo representa a entrada na era da mobilidade elétrica, incorporando a sua visão em termos de autonomia, tempo de carregamento e eficiência para um desempenho líder de mercado.

Com uma unidade motriz de 156 cv/115 kW e uma bateria de 51 kWh, o que o torna num dos melhores da sua classe no segmento B do hatchback premium, o Novo Ypsilon apresenta uma autonomia de até 403 km no ciclo combinado WLTP, com carregamento rápido em 24 minutos (de 20% a 80%) ou suficiente para 100 km em 10 minutos. O consumo de combustível do automóvel situa-se entre 14,3 e 14,6 kWh por 100 km.

A estratégia clara e ambiciosa de eletrificação da Lancia inclui o lançamento de três novos modelos, um de dois em dois anos. Em conformidade com o plano estratégico Stellantis "Dare Forward", a partir de 2026, a Lancia lançará apenas modelos 100% elétricos.